

## Fotografia e Escola

Marcelo Valle<sup>1</sup>

Desde 1839, ano do registro da invenção da fotografia na França, quase tudo vem sendo fotografado, não há atualmente quase nenhuma atividade humana que não passe, direta ou indiretamente, pela fotografia. Tantas são suas utilizações que não poderia aqui enumerá-las. Basta uma olhada ao redor para confirmar. Ao longo de um processo histórico, a fotografia se tornou um importante instrumento para a democratização da imagem e, se hoje ela está presente na casa do rico e do pobre, nos álbuns de família, nas paredes, *outdoors*, jornais e revistas, isso se deu às custas de um embate social e político em que, aos poucos, a imagem foi refletindo as mudanças sociais, os gostos e os modos de pensar.

Antes restrita a certas clientelas e espaços (igrejas e palácios) a imagem se popularizou associada à consolidação da burguesia, que enxergou na fotografia uma possibilidade de se afirmar e tomar consciência de si mesma, num jogo de identidades e poder. Segundo Susan Sontag, “desde o início a fotografia significou a apreensão do maior número possível de temas. A Pintura jamais teve escopo tão ambicioso. A subsequente industrialização da tecnologia da câmara apenas concretizou uma promessa inerente à fotografia desde os seus primórdios: a democratização de todas as experiências através de sua tradução em imagens”<sup>2</sup>. Desta forma, a fotografia, a imagem técnica representou um divisor de águas, um agente popularizador: a imagem do homem comum se tornou popular, trazendo consigo uma renovação nos modos de ver e uma nova compreensão do mundo.

---

<sup>1</sup> Orientador de fotografia do projeto “Vendo a Escola, Revendo a Educação”, desenvolvido pela ONG Bem TV – Educação e Comunicação na comunidade do Preventório desde março de 2005. Assessorados pela ONG, jovens dos grupos Olho Vivo e Nós na Fita fizeram uma análise da situação do ensino público da região e produziram fotografias, reportagens e vídeos para disseminar as conclusões e provocar debates. Este texto faz parte de uma publicação lançada em outubro de 2006.

<sup>2</sup> SONTAG, Susan. *Ensaio sobre a Fotografia*. Tradução de Joaquim Paiva. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.



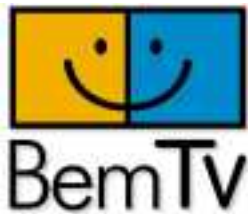
No entanto, ainda hoje, não existe no sistema educacional formal, nos currículos escolares ou nas práticas, o que se poderia chamar de uma “alfabetização visual”, embora a fotografia há tempos venha sendo utilizada de diferentes maneiras pelas escolas e nas escolas. Para comprovar isso, basta abrir um livro escolar, seja de que disciplina for, estará recheado de fotos. Ou então, aventurar-se pelos corredores, observando as colagens nos murais. Quase sempre são usos limitados, simples formas ilustrativas, poucos são os professores que se aventuram numa “leitura” das imagens. As crianças aprendem a ler as imagens por sua própria conta. Segundo Milton Guram, fotógrafo e coordenador do curso de Ciências Sociais da Universidade Cândido Mendes, “todos nós fomos ou somos ‘alfabetizados’ empiricamente, é fundamental a alfabetização visual desde o primário, para que as crianças tenham contato e que vejam o ‘mundo visível’ recortado pelos vários processos de representação. Destes, a fotografia seja, talvez, o mais completo e acessível, começando pelo processo fotográfico de câmeras artesanais, que encerra toda uma sistemática de representação que vem sendo construída há muito tempo. E a fotografia, onde o olhar humano passa por um aparelho, um processo físico-químico, a imagem técnica que vai se sofisticar depois em cinema, vídeo, digital, etc.”<sup>3</sup>.

É preciso lembrar mais uma vez que ninguém parte da ignorância. A imagem está presente na vida das pessoas há muito tempo e de diversas formas e, justamente por conta dessa longa presença, aquilo que era a princípio de difícil entendimento torna-se aos poucos banal. Podemos considerar, por exemplo, a relação do espectador com os desenhos animados. A animação tem seus códigos específicos, aos poucos as crianças vão entendendo as formas de narrativa e construindo sentidos. As crianças não são totalmente “analfabetas”, é preciso partir daquilo que as pessoas têm, de como elas vêem o mundo, fotos, cartazes, partir da própria cultura de imagens das pessoas, uma cumplicidade social.

A falta de uma política para a educação do olhar é o reflexo de uma sociedade que, embora esteja imersa num mundo de imagens, ainda é fundamentalmente verbal, supervalorizando o texto. “O discurso verbal ainda é o hegemônico porque é com ele que se

---

<sup>3</sup> Entrevista concedida ao autor em novembro de 2005.



fala de outros discursos, influenciando as análises. É preciso permitir que outras linguagens aflorem e entender como elas funcionam, nesse sentido a educação no Brasil é conservadora. As pessoas não vêem necessidade de interpretar, entender a imagem, muito em função da verossimilhança com a realidade. Com o ato de ver, é como se já estivesse tudo ali, pronto. Isso faz com que as pessoas se sintam produtoras, mas na verdade são apenas consumidores passivos. Com a escola eles poderiam se tornar ao menos consumidores ativos e críticos”<sup>4</sup>, completa Antônio Júnior, fotógrafo e professor do Instituto de Artes e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense (UFF).

A expressão “alfabetização visual” talvez não seja a mais correta, pois a lógica da fotografia não é verbal nem sintática, mas é a que mais se aproxima de um entendimento. O que de fato deve acontecer é uma aproximação das várias linguagens, verbais e não verbais. Para Antônio Serra, diretor do Instituto de Artes e Comunicação Social da UFF, “tornou-se necessário, no mundo contemporâneo, termos acesso aos códigos, à linguagem e até ao processo de produção de imagens, trazer para a superfície o que está oculto, pode ser uma foto, um filme, um cartaz. É necessário passar por um discurso explicativo que forneça a compreensão dos códigos”<sup>5</sup>.

Em pleno século XXI, milhares de pessoas não têm direito de produzir sua própria imagem, ao mesmo tempo em que se vêem representadas de forma deturpada, o que acaba gerando problemas de identidade e afirmação. Identidade entendida aqui como um processo de pertencimento, de reconhecimento, algo que é construído desde o nascimento e que nos permite circular entre os grupos sociais como uma espécie de passaporte. A identidade é diretamente ligada à memória e ao tempo. As fotografias são uma espécie de memória imobilizada, um recorte no tempo e no espaço, presentes em quase todos os momentos importantes de nossas vidas, nas festas, batizados, casamentos, jogos, viagens, etc... Servem para nos lembramos do presente e do passado, e isso é essencial para a idéia de nossa continuidade, nossa passagem pelo planeta e de nossa história. Têm assim importância

---

<sup>4</sup> Entrevista concedida ao autor em novembro de 2005.

<sup>5</sup> Entrevista concedida ao autor em novembro de 2005.



individual e coletiva, partilhando experiências coletivas, identificando-se com grupos, como se fossem marcos simbólicos. Como escreve a antropóloga e jornalista Rosane de Andrade, "recorremos às fotografias para fazer presente o que ou quem está ausente. Nossa identidade individual depende da memória - e a fotografia é uma atividade fundamental para o contorno dessa identidade, seja para a auto-afirmação, seja para o conhecimento"<sup>6</sup>.

A tradição ocidental, como já foi dito, é literária e textual, representa uma das formas de hegemonia de classes no Brasil, onde o controle do texto é dominado por poucos. No caso da imagem, também, o povo fica excluído de uma maior capacidade de compreensão e reivindicação. É preciso incluir as escolas nos processos de "inclusão visual", no qual as fotografias devem abrir espaço para a discussão e a descoberta, e não simplesmente para ilustrar alguma conclusão à qual se chegou por outras formas. As escolas, sobretudo as públicas, devem participar ativamente dos processos de inclusão, permitindo e trabalhando com as comunidades ao redor. Essas comunidades e mesmo as escolas públicas são sistematicamente representadas com descaso e de formas preconceituosas, com um cotidiano de abandono, violência e pobreza; são tratadas na maioria das vezes como simples objetos. É preciso passar a palavra, ou melhor, a imagem, para novos produtores conscientes de seus papéis de mudança e incentivá-los a lutar por seu espaço na mídia, rompendo barreiras e dando uma nova visibilidade às relações sociais e pessoais. É preciso um olhar que valorize o cotidiano, a diversidade e a riqueza das diferenças. Parece óbvio, mas quem olha para o mundo de uma forma diferente, passa a entender também as diferenças, e esses jovens fotógrafos passarão a selecionar aspectos do mundo que geralmente não são apresentados nos jornais e revistas, colocando novos assuntos em pauta.

De que forma os alunos poderiam fotografar a escola? Muitas escolas se fecham em si mesmas e de forma geral têm medo de ousar. O uso da fotografia contribuiria para uma melhor percepção do próprio ambiente escolar e, conseqüentemente, para a mudança. Uma política educacional de capacitação de produção e leitura da imagem vai permitir que se

---

<sup>6</sup> ANDRADE, Rosane de. *Fotografia e Antropologia: olhares fora-dentro*. São Paulo: Estação Liberdade/EDUC, 2002. Sobre este assunto ver também: FREUND, Gisele. *Fotografia e sociedade*. Lisboa: Veja, 1995. 2ª ed.



aperfeiçoem os métodos pedagógicos de uso da imagem, inclusive aproveitando a própria interdisciplinaridade da natureza fotográfica para aproximar as diferentes disciplinas do currículo escolar, muitas vezes distantes como se o conhecimento fosse algo fragmentado. Os estudantes podem fotografar a própria escola, evidenciando problemas, questionando relações. A forma como somos retratados diz um pouco quem somos, muitas vezes essa imagem é deturpada pelo uso que se faz da fotografia ou pela própria maneira como a imagem é captada, afinal, por trás das lentes existe um homem dotado de uma cultura própria com a qual faz escolhas. Quando nos deixamos fotografar, nos deixamos ser representados. Mas que tipo de representação é feita? Será que conseguiríamos fazer um retrato de nós mesmos? Somos ao mesmo tempo sujeitos e objetos.